

ÉDIPO E JOCASTA

Uma estória inédita d'As mil e uma noites

Gustavo Castelo Branco

DISSE DUNIAZADE à sua irmã Xerazade: “Por Deus, maninha, se não estiveres dormindo – é claro –, conte-nos uma de suas graciosas estórias a fim de que atravessemos a noite”. Respondeu: Xerazade: “Com o maior prazer e total aptidão”, e começou:

Saiba, ó irmã venturosa, que Gustavo Castelo Branco contou-me o seguinte:

Capítulo Primeiro

Meu tio-avô foi o seminarista Josué Rodrigues de Mendonça Costa, notável indivíduo licenciado em estudos teológicos e autor duma devota *Vida de São Jerônimo*, publicada em artigos do *Diário de Santa Maria Madalena* – jornal para o qual trabalhou enquanto viveu na aprazível e bela cidade natal de Dercy Gonçalves. Entretanto, quando se encontrava prestes a ser ordenado padre, Josué apaixonou-se por uma bela jovem turista, que visitava a cidade de Santa Maria Madalena a trabalho. Era uma russa natural de Moscovo. Ele, então, demonstrou à sua amada toda a paixão que por ela sentia e abandonou o seminário. Casaram-se, e para São Petersburgo foram morar num solar. A partir daí é que a minha família passou a ter um grande contato com a Federação Russa. A esposa do meu tio-avô chamava-se Anna (todavia não era ela a Karenina!). Seu pai, indivíduo mui afável e indulgente, era um misto de genes radicais: sujeito suíço, descendente de franceses e austríacos, com uma pequena porção de Danúbio em sua tendência. Era dono dum luxuoso hotel na Riviera. Seu pai e seus avós respectivamente foram comerciantes de vinho, de joias e de tecido. Quando completou trinta anos de idade casou-se com uma rapariga de nacionalidade britânica – filha do notável alpinista alpestre James Keats e neta de dois clérigos de Londres especialistas em temas realmente ignorados. Sua mãe, mulher que muito se representava bem pela fotografia (alcunha *A Fotogênica*) faleceu num acidente inabitual (fora atingida por um raio durante um piquenique, porquanto se encontrava bem

próxima de uma árvore e o tempo estava pluvioso) —, deixando este Mundo *tão consumido pelas incertezas da Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro* (qual escreveu Eça de Queiroz no prólogo d’*A Relíquia*). Seu falecimento ocorreu quando Anna tinha apenas três anos de idade, e isso fez de seu pai um homem com um intrincado estado psicológico. Foi durante este período que Anna conseguiu passar em um concurso público de intercâmbio e conseguiu uma viagem a Santa Maria Madalena — a viagem que mudaria a sua vida para sempre, pois nela conheceu o seu futuro esposo.

Após o matrimônio, mudaram-se para um solar em São Petersburgo (como já dissera, porquanto o autor opta pelo estilo da repetição pelo móvel de crer que ela, como disse o notável Bruce Lee, *leva à perfeição*), e depois de dois anos deram à luz um filho, que, por possuir uma equilibrada assaz e o mais simples espírito, recebeu o nome de Cândido. Ele se revelava em tudo uma pessoa digna do pai. O preceptor Vladimir era o oráculo do solar, e o pequeno Cândido lhe ouvia as preleções com a boa-fé da sua idade e do seu temperamento.

Vladimir lecionava metafísica-teólogo-cosmolonigologia. Era ele o autor da sábia frase: “O verbo ser é o que mais possui irmandade com o Senhor, porquanto um de Seus santos nomes é EU SOU”. Provava com a maior admiração que sem causa não há efeito, e que, neste Mundo — que é o melhor dos Mundos possível, pela razão de ser obra de Deus Onipotente —, o solar no qual viviam era o melhor de todos os solares, que o Exmo. Sr. Josué Rodrigues de Mendonça Costa era o melhor de todos os homens e que a Ilma. Sra. Anna Bielínskii Nabokov (primeira e única vez que digo o seu nome completo) era a melhor de todas as madamas possível. “Está comprovado — costumava dizer — que as coisas não podem ser de outra maneira, porquanto, sendo elas feitas para um ofício, tudo existe de jeito necessário para o melhor dos ofícios. Observai, por exemplo, que os narizes foram criados pelo Senhor para o apoio dos óculos; por tal móvel que Ele deixou os homens criarem os óculos. As pernas são visivelmente feitas para serem vestidas por calças; e vê-se que foram inventadas as calças. As pedras possuem o destino de serem talhadas para se edificar solares; observai que monsenhor possui o mais belo de todos os solares da Rússia: cabe ao melhor monsenhor da província o melhor lar. Sendo feitas as árvores para a fabricação de papéis, utilizamos para escrever os melhores livros e/ou copiá-los (tal qual faziam os pais do Sr. Keats com a Santa Bíblia, pela razão de terem sido clérigos copistas). E, tendo sido criados os porcos para serem comidos, comemos porco o ano inteiro (algo que infelizmente os judeus não fazem, e por isso é que eles se acham desrespeitando a lei da Natureza): destarte, aqueles que afirmam que tudo vai bem dizem tolice; o correto é dizer que as coisas andam da melhor forma —, ou que tudo está mais-que-perfeito!...”

Cândido a tudo ouvia com a melhor das atenções, e com toda a sua inocência cria, achando a Sra. Nabokov extremamente bela, embora nunca tivesse tido a coragem de dizer-lho. Concluía Cândido que: após o bom destino ter-lhe feito nascer no solar de São Petersburgo, o segundo grau de felicidade era ser a Sra. Nabokov; o terceiro, vê-la

quotidianamente; e o quarto, ouvir o sábio Vladimir, o mais sábio de todos os sábios da província, e, consecutivamente, da face da Terra.

Certo dia, porém, todas as coisas mudaram por definitivo. A Sra. Nabokov, ao passear junto ao solar, no grande bosque a que chamavam *playground*, avistou entre sibilados o Dr. Vladimir entregue a uma lição de física experimental com a criada, moreninha muito linda e dócil – natural do Brasil. Como possuísse marcante atração pelas Ciências, examinou, de fôlego suspenso, as repetidas experiências de que se fizera testemunha; percebeu muito às claras o suficiente móvel do sábio otimista, a efetivação e a causação, e distanciou-se excitada, reflexiva, aspirando possuir o dom da Sabedoria, avaliando bem poder (também ela) ser o motivo suficiente do pequeno Cândido – quem poderia, por desejo seu, ser seu cônjuge. Isso, porém, possuía a significação de que era ela a nova Jocasta, porquanto se enamorara do próprio filho..

Encontrou-se com seu amado filho, ao regressar para o palácio, e ficou corada: Cândido idem. (Cândido sofria do Complexo de Édipo, e era fascinado pela sua mãe!)

– Bom-dia, Cândido querido – disse a Sra. Nabokov com a voz entrecortada.

– Bom-dia para você também, minha mãe – Cândido respondeu, sem saber o que dizia.

No dia seguinte, após o jantar, ao saírem da mesa, a Sra. Nabokov e Cândido encontraram-se atrás dum biombo; Anna deixou cair o lenço...

Nesta hora o dia começou a amanhecer, e Xerazade deixou interrompida a sua estória para continuá-la à noite. Quando sobreveio a noite, sua irmã Duniazade lhe pediu que a sua irmã continuasse, e Xerazade continuou:

Disse Duniazade à sua irmã Xerazade: “Por Deus, maninha, se não estiveres dormindo – é claro –, continue a sua esplêndida estória para que atravessemos a noite”. E respondeu Xerazade: “Com o maior prazer e a mais grande aptidão”, e ela continuou:

...Anna deixou cair o lenço, Cândido o apanhou; ela, consumida pelo desejo de tê-lo como marido, segurou-lhe a mão, ao passo que ele, inocentemente, beijava a sua energeticamente e com uma delicadeza sentimental, um privativo gracejo; seus lábios se encontraram, seus olhos se inflamaram, os joelhos lhes estremeceram, suas mãos perderam a direção. O Sr. Josué passou próximo ao biombo, e, ao se deparar com aquela implausível cena, expulsou Cândido do solar a brutais pontapés nas nádegas; Anna desfaleceu; depois de fortificada, dirigiu-se ao seu leito com o verdadeiro marido –, mas com o pensamento voltado ao amado filho: Cândido. Tal foi um desalento no mais belo e no mais aprazível dos solares possível de todos os tempos.

– A partir de agora sou uma verdadeira “Humberta Humberta” – disse a Sra. Nabokov consigo mesma.

Capítulo II

Conquanto, ou encontro-me demasiadamente equivocado, ou termino de fazer um prescindível capítulo, tal qual Brás Cubas em suas *Memórias Póstumas*.

Capítulo III

Expulso do paraíso terrestre, Cândido ficou por muito tempo a vagar pelas ruas de São Petersburgo, onde mendigou durante um bom tempo. E sempre triste, porquanto nunca se esquecia da sua amada mãe, por quem possuía uma ardente paixão – a sua vida era ela. Então, resolveu tentar mais uma chance de demonstrá-la o seu afeto, e escreveu o seguinte poema (ao qual assinou como “Davy”), que fora publicado em panfletos distribuídos em solares russos:

A GENOVEVA¹

Tão profundamente amada
Tu foste, que a minha vida
Da tua lembrança querida
Pra sempre está perfumada.

Tens outros amores talvez,
Mas, sem fé e sem coragem,
Guardo passes de estalagem
Onde se dorme uma vez.

Nos olhos mais cativantes
É ainda a ti que te vejo,
Por ares do meu desejo,
Vivo por ti, como dantes.

Nos planos de Jericó,
Assim o rei Mago ia
Em cada estrela que via,
Seguindo uma estrela só.

1 Este poema pertence ao romance póstumo de Eça de Queiroz *A Tragédia da Rua das Flores*, escrito entre 1877 e 1878, mas apenas publicado em 1980, oitenta anos após o falecimento do autor. Narra a estória do incesto entre uma mãe (Genoveva) e o seu filho Vítor – mancebo de 23 anos que é muito amado e cobiçado pelas mulheres –, o qual fora abandonado ainda recém-nascido. Há ainda tio Timóteo, que também acabou por se apaixonar por Genoveva.

E na posse mais demente
Do corpo mais desejado,
Basta voltar-me para o lado,
Para te ver ali presente.

Após ter exposto todo o seu sentimento no poema, Cândido sentiu-se com o coração mais aliviado. Decidiu que todo aquele sentimentalismo já passara e agora que a vida seguisse à frente. A partir de então passaria a ter outro estilo de vida: viveria viajando pelo Mundo afora. E assim fez, acabando por dar a volta ao Mundo em todo o resto do tempo da sua vida – e com a ilustríssima companhia do sábio Dr. Vladimir, com quem – por graças ao bom deus Acaso – acabou se encontrando nas ruas russas após este igualmente ter sido demitido do solar pelo mesmo móvel que o seu.

“Moral” da estória: Caso assim se iniciasse *Cândido, ou O Otimismo*, de Voltaire, a obra muito se aparentaria com *Lolita*, de Vladimir Nabokov.

Disse Xerazade para a sua irmã Duniazade: “E esta história não é mais espantosa que a *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois do sábio Profeta Muhammad (Maomé) – a paz esteja com ele – vir ao Mundo nas Terras do Oriente Médio até os Dois Últimos Anos, Visto que Sinbad, de Bagdá, no Califado Abássida, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com esta História que hei de lhes Contar* (mais conhecida como *As Viagens de Sinbad, o Terrestre*) –, mas essa fica para a próxima noite”.

Gustavo Castelo Branco

Atualmente, tenho 16 anos de idade (completarei 17 em setembro -, porquanto nasci a 9 de setembro de 2001). Sou um escritor mirim; escrevo desde os meus oito anos de idade contos com uma forte influência em todos os clássicos literários que, durante todo esse tempo de vida que possuí, tive o prazer de conhecer. As primeiras obras literárias que li foram: *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho e o que Ela [Alice] Encontrou por Lá*, obras-primas do notável Lewis Carroll - pseudônimo do Sr. Charles Lutwidge Dodgson.